

O QUE DIZEM OS ARTIGOS DO PERIÓDICO CAPES (2015-2020) SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM ESCOLAS REGULARES?

Joice Aparecida Ribeiro dos Santos

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar, com base nos artigos publicados nos Periódicos Capes, os aspectos significativos para a inclusão escolar de alunos surdos em escolas regulares. A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica em que foram selecionados artigos publicados nos Periódicos Capes, nos últimos cinco anos, relacionados ao tema proposto. Apresentou-se uma análise dos artigos selecionados, apontando o que os autores dizem sobre a inclusão, além de uma análise sobre as dificuldades e os resultados encontrados durante o percurso escolar dos alunos surdos. A reflexão se faz necessária visto que a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares é essencial e ainda há muitos percalços no ensino e na inclusão. A partir dos estudos empreendidos foi possível observar a importância de haver mudanças nas metodologias de ensino para alunos surdos, assim como uma mudança na maneira como eles são vistos pela comunidade escolar.

Palavras-chaves: Educação inclusiva. Periódicos Capes. Educação de Surdos.

1. INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa surgiu da minha admiração pela Língua Brasileira de Sinais, pela forma como as pessoas surdas se comunicam e pelos sinais que utilizam. Por isso, decidi conhecer e me aprofundar melhor sobre a temática da inclusão escolar, em especial a inclusão de alunos surdos nas escolas públicas regulares. Além disso, me instigou a descobrir se era possível os alunos surdos aprenderem com os alunos ouvintes e o que seria necessário para que essa inclusão fosse possível. Sendo assim, decidi fazer neste trabalho de conclusão de curso uma pesquisa sobre essa inclusão na Educação Infantil e na primeira etapa do Ensino Fundamental.

Para tanto, elegi como norteadora a seguinte questão de pesquisa: o que os artigos e pesquisas disponibilizadas na Plataforma “Periódicos Capes” dizem sobre a inclusão de surdos em escolas inclusivas, nos últimos 5 anos?

O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de

ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. O Portal de Periódicos CAPES fornece por meio do seu site acesso a diversos conteúdos em formato eletrônico, tais como: textos disponíveis em mais de 45 mil publicações periódicas, nacionais e internacionais; diversas bases de dados que reúnem trabalhos acadêmicos e científicos, além de patentes, teses e dissertações.

À vista disso, esta pesquisa tem por objetivo analisar artigos publicados no Periódicos Capes nos últimos 5 anos, que abordam sobre a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares do ensino público do Brasil.

Os objetivos consistem em: conhecer os aspectos da inclusão dos alunos surdos na educação básica; entender a relação da inclusão com os aspectos da educação bilíngue; e conhecer as leis que garantem os direitos dos alunos surdos em escolas regulares.

Atualmente, no nosso país, há escolas especializadas em atendimento educacional para surdos, porém é recomendado pelas políticas públicas do nosso país, que os alunos com deficiências e altas habilidades frequentem escolas regulares. Sabemos que não são todos os municípios que têm escolas especializadas e/ou profissionais formados para acompanhar os alunos e, por isso, minha curiosidade acadêmica me levou a questionar: em cidades que não possuem escolas para surdos, como os alunos fazem para ir até uma escola especializada? Como é feito o ensino e aprendizagem deles? O que as pesquisas e estudos dizem a respeito disso?

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), as escolas devem estar preparadas para receber os alunos surdos em salas de aula comum, pois acredita-se que esse processo irá contribuir de forma positiva para a alfabetização dos alunos, mas sem deixar de lado a importância de ter todas as condições necessárias para seu desenvolvimento. Para muitos especialistas essa inclusão só deve acontecer após a alfabetização, pois assim ele poderá acompanhar a aula e se desenvolver como os alunos ouvintes. Lembrando que no Brasil, para as pessoas ouvintes, o Língua Portuguesa na forma oral é a sua primeira língua, e para as pessoas surdas a Libras é a primeira língua.

A pessoa surda tem seus direitos reconhecidos e garantidos por lei. No ano de 2005 instituiu-se a Lei Federal nº 10.436/02, que reconhece a Libras como língua de comunicação e expressão da comunidade surda. Conforme o art.2º dessa mesma lei “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais- Libras” (BRASIL, 2005, p.1). Ampliando a discussão, com o decreto nº 5.626/05, as pessoas surdas têm direito a uma educação em Libras.

Entretanto, para que ocorra a inclusão, além da Língua Brasileira de Sinais, como a primeira língua (L1), é necessário que ele aprenda na escola a segunda língua (L2), que é a Língua Portuguesa, na modalidade de escrita. “O acesso às duas línguas deverá ocorrer de forma simultânea no ambiente escolar, colaborando, assim, para o desenvolvimento de todo o processo educativo” (LIMA, CÓRDULA apud PEREIRA, VIEIRA, 2017, p. X).

Sendo assim, este trabalho será dividido em quatro partes. Na primeira, apresento uma leitura teórica; na segunda, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa; na terceira, discuto sobre os artigos pesquisados e o que eles apresentam sobre a inclusão dos alunos surdos em escolas regulares; por fim, realizo as considerações finais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LIBRAS E A EDUCAÇÃO DE SURDOS

Antigamente, a pessoa surda era vista como “anormal” pela sociedade, muitas eram tratadas como “doidas”, “aberrações” ou até mesmo trancadas em porões, dentre outros tipos de exclusão e rótulos. As escolas do tempo passado as obrigavam a longos treinamentos auditivos e de fala, na intenção de que deixassem de ser menos deficientes ou aproximassem mais dos ouvintes, que eram considerados como “pessoais normais”.

A escola inclusiva surgiu com a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação do surdo, pois a metodologia é um caminho que atende de forma satisfatória as especificidades do surdo, considerando todos os aspectos culturais deste sujeito.

A comunidade surda tem lutado para que tais preconceitos possam ser cada vez mais superados. E tiveram seus direitos reconhecidos por leis, de acordo com o art. 58 da LBD (Brasil, 1996), os alunos surdos têm seus direitos garantidos a estudar em escolas públicas.

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

O acesso à educação é um avanço, porém, temos percebido que a maioria dos professores não estão preparados para receber os alunos surdos. Sem o preparo, infelizmente não será possível que aconteça a alfabetização desses alunos e nem uma continuidade adequada em sua educação escolar. A partir disso, surgiu a necessidade de formar profissionais especializados e voltados para o ensino.

Como mencionado, não são todos os professores que possuem especialização em Libras ou conhecimento da Língua de Sinais. Por isso, nas escolas é necessária a presença de intérpretes de Libras, pois ele será a ponte de comunicação entre o aluno e o professor.

O relato do artigo de Lacerda (2017) sobre “O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo”, e no artigo de Eyng (2017) que fala sobre “A inclusão escolar de alunos surdos, o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência”, percebemos que a presença do intérprete em sala de aula inicialmente incomoda os professores titulares. Nas pesquisas feitas, os professores apontam que se sentem constrangidos e inseguros em dividir a sala e ficam com dúvidas sobre o que ele está passando para os alunos, sobre o conteúdo, sobre a forma como os alunos estão aprendendo. Mas ao final, eles agradecem por terem o intérprete auxiliando, pois encontram dificuldades de se comunicarem com os alunos surdos e o intérprete ajuda nessa comunicação. Atualmente, quase todas as escolas, que realizam a inclusão de alunos surdos possuem o apoio do intérprete na sala de aula.

As escolas que fazem a inclusão também contam com o atendimento educacional especializado (AEE), que contribui para o acesso e permanência dos alunos com deficiência nas escolas. O decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, dispõe sobre o AEE e aponta que esse atendimento se configura por um conjunto de atividades e recursos de acessibilidade, organizados institucionalmente e prestados de forma complementar ou suplementar a formação dos alunos no ensino regular.

Para que aconteça a inclusão de alunos surdos em escolas regulares é necessário que elas tenham meios de beneficiar sua participação e aprendizagem tanto na sala de aula comum, quanto no AEE, destacando três momentos didáticos pedagógicos: o Atendimento Educacional Especializado em Libras; Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras; Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Língua Portuguesa. Pois o AEE promove aos alunos surdos conhecimento escolar em duas línguas: a Libras e a Língua Portuguesa, além da participação ativa na sala de aula e o desenvolvimento do seu potencial cognitivo, afetivo e social com os demais colegas da escola comum.

A educação no Brasil é um direito assegurado para todos os cidadãos, como consta na Constituição Brasileira (BRASIL, 1988). Com relação aos surdos, de acordo com o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2015, que regulamenta a lei nº 10.436/2002, em seu capítulo VI, artigo 22, a educação dos estudantes surdos deve acontecer em:

I-Classes e escolas de educação bilíngue, abertas para alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II- Escolas bilíngue ou escolas comuns de rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e ou intérpretes de Libras- Língua Portuguesa (BRASIL, 2015).

Como é possível perceber, a lei que assegura a educação como direito básico da comunidade surda e reconhece a importância da presença dessas pessoas na sala de aula foi muito tardia. Mas, é interessante destacar que, por meio dessa lei, foi possível ampliar a presença de alunos em escolas bilíngues ou comuns. Quadros (1997), ao discutir sobre a educação bilíngue, afirma que a educação bilíngue se configura como tal por trabalhar todos os conteúdos na língua materna das crianças surdas, a Libras, e por trabalhar a Língua Portuguesa em momentos específicos das aulas com leituras e escritas.

A educação bilíngue é importante no processo escolar dos alunos surdos, pois ela tem como objetivo promover aos alunos surdos a sua inclusão na sociedade de forma efetiva e completa, sem perder sua identidade cultural. Mas lembrando que, para que a escola seja considerada como bilíngue, é necessário ter professores bilíngues, com a formação exigida para o trabalho com a etapa da educação correspondente. Podemos afirmar que ainda há muitos desafios para garantir aos alunos o direito ao ensino de Libras como Língua materna nas escolas bilíngues, uma vez que o reconhecimento da Libras como língua materna da comunidade surda foi conquistado muito recentemente e ainda se faz necessária mais discussões sobre o assunto no ambiente acadêmico e nos órgãos responsáveis pela manutenção do direito à educação.

No Brasil existem escolas especializadas para o ensino de alunos surdos, que contam com professores, intérpretes para auxiliar no ensino e didática na aprendizagem dos alunos. E o foco dessa pesquisa é fazer uma análise dos artigos que descrevem sobre o processo de inclusão escolar de alunos surdos em escolas regulares.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista meu desejo de conhecer mais sobre o processo de inclusão dos surdos no Brasil, escolhi a plataforma “Periódicos Capes” como fonte principal de minha pesquisa bibliográfica. A escolha por essa plataforma se deu, pois foi criada pela CAPES, uma das principais agências reguladoras de ensino e pesquisa do Brasil, com o objetivo

de dar acesso aos pesquisadores de forma *online* à informação e às pesquisas científicas desenvolvidas no país.

Iniciei a minha pesquisa com o seguinte comando de busca: “Inclusão escolar de alunos surdos”. Nesta primeira fase encontrei 180 artigos. A partir disso, realizei o refinamento delimitando o recorte temporal do ano de 2015 até 2020, pois trata-se de artigos recentes, da modalidade atual, a partir desse recorte restaram 108 artigos.

Para ter uma busca mais apurada e alinhada com o objetivo da pesquisa, fiz a leitura dos resumos de todos os artigos e pude filtrar ainda mais a seleção. Excluí artigos que tratavam sobre a inclusão em outras etapas de ensino, bem como os artigos que faziam revisões bibliográficas.

Desse recorte restaram para leitura integral 23 artigos, uma vez que eles são voltados para o objetivo e tema de pesquisa, sobre o que os artigos publicados no Periódico Capes dizem sobre a inclusão de surdos em escolas inclusivas, nos últimos 5 anos.

Segue o quadro com o nome e os autores dos artigos utilizados nessa pesquisa:

| | Nome do artigo | Data em de publicação | Autor/a | Temática analisada |
|---|---|------------------------------|---|---|
| 1 | Inclusão de alunos surdos no ensino de Artes | Agosto de 2016 | Flóida Moura Rocha Carlesso Batista, Maria de Fátima Menegazzo Nicodem | Ensino da disciplina de artes |
| 2 | A visualização do ensino de matemática: uma experiência com alunos surdos | 01 de dezembro de 2013 | Elielson Ribeiro de Sales | Ensino da disciplina matemática para os alunos surdos |
| 3 | Inclusão e educação Matemática sob o olhar dos professores e alunos surdos | 01 de dezembro de 2013 | Leoni Malinoski Filios , Fabiane kruk Bobek | Educação matemática para os alunos surdos |
| 4 | Leitura, tradução e interpretação de textos matemáticos para alunos surdos | 01 de dezembro de 2016 | Walber Christiano Lima da Costa, Marisa Rosâni Abreu da Silveira | Desafios e o aprendizado matemático dos alunos surdos |
| 5 | Atividades lúdicas para o ensino de Ciências como prática inclusiva para surdos | 01 de junho de 2015 | Daniel Santos Espindola, Danubia Carneiro, Tacilha do Carmo Galan kuhn, Lia Maris Orth Ritter Antiqueira | Atividades e aulas de ciências para alunos surdos. |

| | | | | |
|----|--|--------------------------|---|--|
| 6 | Aulas de Ciências para surdos: estudos sobre a produção de discurso de intérprete de Libras e professores de Ciências | 01 de junho de 2016 | Walquíria Dutra de Oliveira, Anna Maria Canavarro Benite | Um trabalho em conjunto para o ensino de alunos surdos na disciplina de ciências |
| 7 | O ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos: trabalhando com provérbios | 01 de dezembro de 2014 | Vanessa Gomes Teixeira, Priscila Costa Lemes Barbosa | Língua portuguesa e a alfabetização de alunos surdos |
| 8 | O papel da afetividade nas aulas de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos | 01 de dezembro de 2014 | Aline Fernandes Alves Dias | Conhecimentos e práticas da L2 para alunos surdos |
| 9 | O ensino de Língua Portuguesa para a criança surda na educação bilíngue | 01 de dezembro de 2018 | Paula de Carvalho Fragoso Oliveira, Catia Crivelente de Figueiredo Walter | Análise de estudo da educação bilíngue para alunos surdos. |
| 10 | Educação Bilíngue de alunos surdos: experiências inclusivas na escola Municipal Paulo Freire/ Niterói- RJ | 23 de junho de 2011 | Rosana Maria do Prado Luz Meireles | Conhecendo como é a educação bilíngue em uma escola do RJ. |
| 11 | Mapeamento de alunos surdos matriculados na rede de ensino pública de um município de médio porte do estado de São Paulo | 01 de setembro de 2013 | Alice Almeida Chaves de Resende, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda | Análise do mapeamento de alunos surdos matriculados em uma cidade de São Paulo |
| 12 | O atendimento educacional especializado aos alunos surdos nas escolas municipais de Teresina na perspectiva dos docentes | 01 de novembro de 2016 | Marcelo de Abreu Arrais, Micaías Andrade Rodrigues, Edneia de Oliveira Alves | Atendimento educacional, relatos e práticas realizados nas escolas Municipais de Teresina- PI |
| 13 | Inclusão de alunos surdos na Escola Marechal Castelo Branco de Jaguarão -Rs | 01 de dezembro de 2016 | Helena Beatriz Costa de Oliveira, Bayard Cardoso, Evertom Fêrrê de Oliveira | Análise da inclusão de alunos surdos na escola Municipal Marechal Castelo Branco na cidade de Jaguarão no Rio Grande do Sul – RS |
| 14 | Indicadores de inclusão de alunos surdos: um estudo em salas de aulas regulares em um município do interior do estado de São Paulo | Mês não mencionado- 2016 | Juliane Cristina Molena, Priscila Gaia de Andrade, Estéfano Vizconde Veraszto | Estudo sobre a inclusão de alunos surdos em um município de São Paulo |

| | | | | |
|----|---|---------------------------|---|--|
| 15 | Conhecendo o processo de inclusão escolar em Porto Velho- RO | Mês não mencionado - 2016 | Iracema Neno Cecilio Tada, Vanessa Aparecida Alves Lima, Tânia Gonçalves Melo, Dagmara Yuki Vieira Tomotani Correio | Levantamento estatístico sobre o número de alunos surdos matriculados na rede pública de Porto Velho- RO |
| 16 | O que dizem/ sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo | 01 de agosto de 2007 | Cristina Broglia Feitosa de Lacerda | Entrevista com os alunos |
| 17 | Libras na educação de surdos, o que dizem os profissionais da escola? | 01 de abril de 2016 | Carine Mendes da Silva, Daniele Nunes Henrique da Silva | Entender o que os profissionais da escola dizem sobre o papel dessa língua |
| 18 | A inclusão do sujeito no ensino regular do ponto de vista de alunos surdos, familiares, professores e intérpretes | 01 de dezembro de 2017 | Daline Backes Eyng | Avaliar como o aluno se sente na inclusão no ensino regular |
| 19 | A inclusão escolar de alunos surdos, o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência? | 01 de dezembro de 2017 | Cristina Broglia Feitosa de Lacerda | A experiência dos alunos, professores e intérpretes com a inclusão do aluno surdo |
| 20 | Atendimento educacional especializado para alunos surdos em uma proposta de inclusão | 01 de junho de 2016 | Edleide Silva do Nascimento, Ana Dorziat | Análise das falas de instrutor de Língua de Sinais (ILS) e professora de Língua Portuguesa (LP) de uma escola pública municipal da cidade de João Pessoa |
| 21 | Política de inclusão e práticas pedagógicas na educação de alunos surdos: desafios do atendimento educacional especializado | 01 de julho de 2017 | Rosana Prado, Valdelúcia Alves da Costa | Este artigo tem como objetivo problematizar as orientações legais para a educação de alunos surdos nas escolas públicas |
| 22 | Acima de tudo que as escolas nos ensinam. Em defesa da escola de surdos | 01 de outubro de 2017 | Maura Corcine Lopes, Alfredo Veiga -Neto | Defesa da educação para alunos surdos |
| 23 | Inclusão escolar do aluno surdo | 01 de dezembro de 2019 | Jakkelliny Gonçalves de Souza Rizzo, Karla Benites | Avaliação da preparação da escola para receber os alunos surdos |

Fonte: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

A análise dos artigos foi feita da seguinte maneira: após pesquisar artigos sobre meu tema de pesquisa, selecionei os artigos que mostravam a forma como as disciplinas

são ensinadas para esses alunos, além disso analisei o que os professores, os alunos e toda a comunidade escolar pensam e falam sobre a inclusão.

As temáticas selecionadas para discussão nesta pesquisa foram:

- 1) Relatos de inclusão de estudantes surdos de disciplinas específicas;
- 2) O que os alunos e os professores pensam sobre a inclusão.

4 ANÁLISE DOS ARTIGOS DO PERIÓDICOS CAPES QUE TRATAM DA INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS SURDOS

Nesta parte da pesquisa apresento uma breve análise e descrição dos artigos publicados no Periódicos Capes.

O artigo publicado por Nascimento e Dorziat (2016) apresenta uma análise das falas de instrutor de Língua de Sinais (ILS) e professora de Língua Portuguesa (LP) de uma escola pública municipal da cidade de João Pessoa, sobre o Atendimento Educacional Especializado em Teresina. As autoras notaram que os professores têm uma preocupação com sua formação, que o enriquecimento da prática é importante para que o trabalho seja mais eficiente, além disso, elas relatam que há a necessidade de rever a organização do AEE, para que os alunos tenham a oportunidade de estar num ambiente inclusivo.

Oliveira, Cardoso e Oliveira (2016) apresentam uma análise sobre a inclusão escolar na Escola Municipal Marechal Castelo Branco, em Jaguarão-RS, que tem como meta mapear as ações e os materiais usados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à alfabetização de alunos surdos inclusos na classe do sistema regular de ensino. Na leitura desse artigo foi possível observar que os professores trabalham juntamente com um intérprete de Libras.

Como prática pedagógica, os professores usam figuras e imagens para auxiliar na comunicação. Essa foi uma didática utilizada pela escola para se adaptar as necessidades desse tipo de alfabetização, primando pela inclusão dos alunos em classe regular com os demais alunos, proporcionando uma nova forma de ensino.

Em algumas as escolas citadas no Periódico Capes, localizadas em diferentes estados do Brasil, foi possível observar que apesar das dificuldades existentes, os municípios brasileiros estão, gradativamente, se adequando à perspectiva da educação inclusiva. Nesse sentido, na atual conjuntura educacional inclusiva, cursos de formação continuada devem ser oferecidos pelos sistemas de ensino de forma a preparar cada vez

mais e melhor os professores. Pois a simples inclusão ou matrícula de alunos com deficiência em salas de aula do ensino regular não resulta em benefícios de aprendizagem

Após a leitura sobre as escolas e municípios que fizeram essa inclusão, podemos observar como é feito o ensino das disciplinas para os alunos surdos, como a Língua Portuguesa, a Matemática, as Ciências, Artes, dentre outras. Os pesquisadores concluíram que é necessário que o professor utilize imagens, figuras, objetos e práticas pedagógicas que auxiliam no processo de ensino, além disso, é necessário que os professores de todas as disciplinas tenham um pouco de conhecimento em Libras.

No artigo publicado por Batista e Nicodem (2016) é feito um estudo sobre como é o ensino de Artes para os alunos surdos. O objetivo da pesquisa feita pelas autoras foi mostrar por meio de entrevistas juntamente com os professores de artes, como é o processo de inclusão do aluno surdo, em diversas escolas da rede municipal e estadual. A análise de dados foi dividida em categorias: formação inicial e continuada, apoios para trabalhos em sala de aula e participação dos alunos surdos nas aulas de arte.

O artigo examinou questões como: “o que os professores de artes pensam a respeito do aluno com deficiência na sua sala de aula”? “Como o professor prepara seu planejamento pensando no aluno surdo”? “Que dificuldades podem surgir nas interações aluno-professor e aluno-aluno”? “O professor de artes tem formação inicial para trabalhar com alunos surdos”? Essas perguntas servem para todas as disciplinas. No artigo podemos observar que não são todos os professores que têm formação inicial para trabalhar com alunos surdos, a grande maioria não tem, falta apoio e preparo.

Segundo Sales (2013) a disciplina de Matemática para muitos é um bicho de sete cabeças e bem complexa, por isso, fez uma pesquisa sobre como é o ensino de matemática para alunos surdos. O autor realizou uma análise de dados feita por filmagens e registros em caderno, a partir de uma intervenção realizada em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Rio Claro/SP, com oito alunos surdos usuários da Libras, matriculados no 5º ano do ensino fundamental. Contando com o apoio dos professores, dos pais e intérpretes. A discussão dos resultados esteve distribuída em três temas: determinação de sinais em Libras para as formas geométricas; a matemática emergindo; e reconhecendo formas geométricas.

O plano de intervenção desenvolvido esteve em sintonia com a perspectiva de educação matemática defendida na pesquisa, que considerou e promoveu a geometria com algo importante na exploração do mundo das crianças. Os resultados reforçam a importância de se estreitar a relação entre universidade e escola, o desenvolvimento de

uma colaboração mútua em prol da aprendizagem de crianças surdas e seus benefícios para os que nela se envolveram.

Ainda na disciplina de matemática, Filios e Bobek (2013) dissertaram sobre a inclusão e a educação matemática sob o olhar de professores e alunos surdos. Essa pesquisa teve como objetivo analisar os desafios que os professores de matemática e os alunos surdos enfrentam no processo de inclusão. Para essa coleta de dados foi feito entrevistas com três professores de matemática e cinco alunos surdos de uma escola da rede pública, do estado do Paraná. Os resultados apontam que a Língua Brasileira de Sinais se constitui como uma fonte importante para a aprendizagem dos conteúdos matemáticos e para que os alunos surdos se sintam incluídos no ambiente escolar.

O intérprete dessa língua representa o profissional que vem garantir a inclusão educacional propriamente dita dessa parcela do alunado, uma vez que os professores e os colegas de classe, em geral, desconhecem tal linguagem. As três professoras participantes da pesquisa revelaram não ter formação na área de educação especial e nenhuma habilidade em trabalhar com Libras. Sentem, por isso, dificuldades na comunicação com os alunos surdos. Para elas, a inclusão é direito de todos os alunos, porém acreditam que se fazem necessárias mudanças urgentes para que a inclusão educacional efetivamente ocorra, conforme as propostas teóricas e a legislação.

As respostas dos alunos surdos às perguntas do questionário revelam que eles não se sentem plenamente incluídos no processo educativo e que é preciso ações mais incisivas da comunidade escolar, principalmente, no que se refere ao acolhimento de estudantes com necessidades especiais para a efetiva apropriação do conhecimento pelos alunos surdos.

A pesquisa realizada demonstra que a inclusão na disciplina de matemática é insuficiente, pois as professoras consideram seus conhecimentos frágeis diante do processo de inclusão. Os alunos surdos entendem o conhecimento matemático fundamental para sua formação, porém sentem muitas dificuldades no aprendizado pela falta do conhecimento de Libras por parte do professor e dos colegas de classe, a fim de que possam interagir.

No artigo de Costa e Silveira (2016) foi feita uma pesquisa sobre a leitura, tradução e interpretação de textos matemáticos para os alunos surdos. Eles destacam que os indivíduos surdos têm uma dificuldade a mais na aprendizagem se comparados aos ouvintes, pois é comum que os profissionais docentes utilizem a língua portuguesa, natural dos ouvintes, para se comunicarem com os alunos. Tal fato marca a comunicação

de forma direta, pois a mensagem emitida em língua portuguesa é entendida pelo ouvinte da mesma língua. Já os surdos precisam traduzir a mensagem que vem em português para a sua Língua de Sinais para que haja o entendimento.

O ensino de matemática assim como as discussões acerca da inclusão também tem passado por transformações. As reflexões acerca do ensino de matemática em sala de aula demonstram que quando ele é realizado por meio da linguagem natural pode trazer equívocos, fazendo com que o aluno interprete o que foi dito de forma diferente daquela objetivada pelo professor. Com isso, percebemos que o aluno surdo lê os textos matemáticos, traduz e interpreta os mesmos de uma forma específica, haja vista que se observarmos os ouvintes, estes têm os desafios da tradução a partir da linguagem matemática e a sua língua natural, a língua portuguesa.

Espindola, Carneiro, Kuhn e Antiqueira (2015) apresentam em seu artigo um estudo sobre atividades lúdicas para o ensino de ciências como prática inclusiva para o aluno surdo, eles abordam como é o ensino de ciências para esses alunos e destacam que o professor deve ter o olhar voltado para a realidade social e educacional do estudante para que facilite a maneira de abordar o conteúdo e a relação entre professor/estudante, conquistando a empatia do educando. Se o educador não enxergar o estudante como sujeito no processo ensino/aprendizagem resultará em aulas superficiais. A atividade lúdica pode ser uma eficaz ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, os jogos didáticos podem ser considerados como fatores importantes na educação.

Nos estudos realizados por Oliveira e Benedite (2016) apresentam como são as aulas de ciências para os alunos surdos. Para isso, foi feito um estudo sobre a produção de discurso de intérprete de Libras e professores de ciências. As autoras trazem Vygotsky para compreender o processo de formação de conceitos pelo surdo, “a criança não forma complexos livremente combinando objetos em grupos integrais, mas que ela já encontra no discurso dos adultos, palavras vinculadas a determinados grupos de referentes” (OLIVEIRA; BENEDITE apud VIGOTSKY, 2000, p.217). Assim, as crianças surdas, entregues a si mesmas, formam livremente os complexos que serão representados por uma mesma palavra, neste caso, essas palavras seriam representações visuais como expressões e sinais “domésticos” (OLIVEIRA; BENEDITE apud VIGOTSKY, 2000).

Após a análise das autoras sobre o ensino de ciências para os alunos surdos, concluíram que o ensino de ciências só será possível por meio da atuação conjunta entre

professor e intérprete de Libras no planejamento das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula e não somente no desenvolvimento de métodos e técnicas.

Em outro estudo sobre o ensino de ciências para alunos surdos, Rocha, Moretti, Costa e Costa (2015) publicaram em seu artigo o relato de uma experiência inclusiva para o ensino de ciências e biologia. O ensino de Ciências e Biologia, especificamente para os conteúdos de citologia e histologia, foi promovido utilizando como ferramenta recursos diversificados, com o intuito de estimular o interesse dos alunos surdos e ampliar suas percepções táteis e espaço-visual diante dos conteúdos apresentados. Ao proporcionar uma aula envolvendo teoria e prática, as chances são maiores de se obter a compreensão dos conceitos de Ciências e Biologia. Porém, vale ressaltar nesse estudo, que é indispensável a presença de um intérprete de Libras na sala de aula, sinais específicos e estratégias diferenciadas.

Além de matemática e ciências, temos também a disciplina de geografia, que também tem um papel importante na formação dos alunos ouvintes e surdos. Para conhecer como é o ensino dessa disciplina para os alunos surdos, Fonseca e Torres (2013) publicaram em seu artigo como é feito o processo de inclusão de alunos surdos nas escolas sob o ponto de vista do professor de geografia. O professor de geografia, encontra muitas dificuldades para ensinar determinado conteúdo geográfico para uma turma com estudantes ouvintes e surdos. Nota-se que, na maioria das vezes, há um esforço da parte desse professor para educá-los, inclusive os surdos. É possível observar que o professor tem a garra para, a todo custo, fazer com que o aluno surdo aprenda como os ouvintes, mesmo quando na sala de aula há um intérprete. Mas, na maioria das vezes, os professores se sentem inseguros com a presença do intérprete na sala de aula. Nesse artigo podemos observar que é preciso que os professores tenham qualificação em educação especial; qualificação da equipe pedagógica; a escola deve incentivar os alunos ouvintes a se comunicar com os alunos surdos de forma adequada; os intérpretes devem possuir conhecimento prévio sobre o conteúdo; e deve haver uma comunicação entre a família e a escola.

Para conhecer como é a atuação da sala de recursos no processo de ensino aprendizagem de geografia para os alunos surdos, Fernandes e Laranja (2017) publicaram um artigo sobre o estudo de caso, em se tratando de ensino aprendizagem de Geografia para alunos surdos, devem ser pesquisadas ferramentas que agreguem qualidade e funcionalidade no desenvolvimento das aulas.

No desenvolvimento da pesquisa, percebemos que não precisam ser criados mecanismos mirabolantes para que os alunos aprendam. Acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno e as ações educativas devem ser voltadas à construção do conhecimento por parte do aluno.

A língua portuguesa é a língua que o aluno surdo se sente mais familiarizado, pois é a sua L2. Sendo assim, iremos apresentar como é feito o ensino da língua portuguesa para o aluno surdo por meio do artigo publicado por Teixeira e Priscila Barbosa (2014), no qual elas realizam uma análise de como os professores trabalham provérbios com os alunos surdos.

As pesquisas demonstram que os resultados são insatisfatórios e apontam que a maioria dos alunos surdos sentem dificuldade no processo escolar pela falta de uma metodologia de ensino adequada. Acrescenta-se a este panorama as questões relacionadas à produção e à adequação de materiais didáticos que estabeleçam a transposição didática de conteúdos relacionados à modalidade escrita da LP.

Nota-se, no entanto, que a oferta de tais materiais dirigidos à comunidade surda é escassa ou, quando existente, não atende ao desenvolvimento das interfaces de leitura e escrita do Português desse alunado. Nesse contexto, as Oficinas de Provérbios buscaram propor materiais para o ensino dessa temática para alunos surdos. Na leitura do texto podemos observar que a oficina é realmente um artifício construtor, porque observamos a interação que proporciona entre o aluno e o professor, quando se encontram diante de questões cognitivas.

Podemos observar ainda como é o papel da afetividade nas aulas de língua portuguesa como L2 para alunos surdos. Dias (2014) destaca que em uma proposta de ensino bilíngue para surdos, a modalidade escrita da LP é ensinada como L2. Como é adquirida por meio de uma prática sistemática, ou seja, que necessita de estratégias específicas e de ensino formal, a proposta é vista como um bilinguismo particular. Nesse texto, a autora abordou a importância do reconhecimento da Libras como a língua natural da comunidade surda. Em seguida, demonstrou ser esse reconhecimento fator fundamental no diálogo entre surdos e ouvintes. O papel da LP, entretanto, não pode ser desconsiderado. Todo o processo trata-se de uma ação coletiva, em que os envolvidos devem colaborar para o sucesso, desde os familiares até os professores. Sendo assim, não conscientizar o surdo sobre a importância do domínio da leitura e escrita é correr o risco de que não haja a verdadeira inclusão.

Oliveira e Walter (2018) abordam em seu artigo como é o ensino da língua portuguesa para a criança surda na educação bilíngue e relatam que os professores seguem tentando ensinar a Língua Portuguesa para o surdo, porém, procurando alfabetizá-los com as mesmas metodologias empregadas para alunos ouvintes, o que dificulta muito a aprendizagem, uma vez que há inúmeras diferenças na organização dessas línguas de ordem fonética, sintática e semântica.

As estruturas gramaticais da Libras e da Língua Portuguesa são totalmente diferentes e seguem parâmetros próprios, o que traz dificuldades semelhantes às de uma pessoa estrangeira que vai adquirir uma segunda língua e toma como referencial sua primeira língua. Os dados da análise feita nesse artigo mostram que a Educação Bilíngue é o caminho para as pessoas com surdez tornarem-se cidadãos autônomos, independentes e conscientes de seus direitos e deveres, estando realmente incluídos na sociedade à qual pertencem.

Em uma pesquisa sobre como é o ensino de língua portuguesa na cidade de São Tomé e Príncipe, Palha e Mineiro (2019), realizam um levantamento da situação educacional de alunos surdos, e descobrem nessa cidade, até 2013, os surdos não iam à escola em virtude de, segundo os professores, não “aprenderem nada”. Isolados, sem outros pares para comunicar, sentiam-se desprotegidos e párias numa sociedade que não os acolhia.

Apresentei um breve resumo dos artigos que abordaram as cidades e escolas que já participam do processo de inclusão de alunos surdos e como o ensino das disciplinas é abordado em sala de aula. Agora, irei apresentar um levantamento sobre o que os alunos e os professores pensam e dizem dessa inclusão.

Quando se opta pela inserção do aluno surdo na escola regular, essa precisa ser feita com muitos cuidados de forma que garanta a possibilidade de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, além do respeito pela condição linguística e pelo funcionamento da Libras. Isso não parece fácil de ser alcançado e, em geral, vários desses aspectos não são contemplados, como o fato do surdo, em geral, não ter uma língua compartilhada com seus colegas e professores e de estar em desigualdade linguística em sala de aula.

No artigo de Lacerda (2017) é feita uma pesquisa para descobrir o que dizem/sentem os alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. Para tanto, foram realizadas entrevistas com dois alunos ouvintes e um aluno surdo integrantes de uma sala de aula da 5ª série do ensino fundamental, na qual foram inseridos

um aluno surdo e sua intérprete. Os alunos referem à experiência vivenciada como positiva, sentem prazer em terem um colega diferente e conhecer a língua de sinais. Porém, os ouvintes relatam que não possuem um domínio da língua de sinais e sobre a surdez em si, gostariam que ela fosse mais fácil de entendimento.

Tais fatos não são percebidos pelo aluno surdo, que vê como adequada sua relação com os ouvintes. Há respeito pelas diferenças, mas as relações são superficiais, diferentes das vivenciadas pelos alunos em geral. Na entrevista feita com os alunos demonstrou que as crianças surdas e os ouvintes desenvolvem uma relação de respeito e amizade entre si.

Há respeito pela diferença que é materializada pelo uso de Libras, pelo interesse em conhecer a realidade do outro e se aproximar. Todavia, tudo isso parece ser feito de forma superficial e o aluno surdo se satisfaz com essa interação, já que não conhece outra realidade de interação, sendo assim, não procura aprofundar suas relações com os amigos ouvintes.

As intérpretes ocupam um lugar fundamental na prática de inclusão mediando a relação entre as crianças e com os professores, contudo, o aluno surdo mostra-se, em muitos aspectos, excluído: não conhece o nome de seus colegas; sabe pouco sobre eles e é pouco conhecido por eles, não conseguem conversar sobre temáticas mais aprofundadas, o que configuraria um relacionamento mais semelhante àquele encontrado entre os alunos ouvintes. Além disso, o aluno surdo não demonstra ter um relacionamento mais amplo com seus professores, ele frequenta a classe, mas sua inclusão nela mostra-se bastante parcial.

Em um estudo sobre as diretrizes de uma professora na escolarização de surdos, no contexto da inclusão escolar, na cidade de Breves-Pará, foi levantando o questionamento sobre quais os dizeres de uma professora em relação a escolarização de alunos surdos nessa cidade.

A partir desta inquietação, o objetivo da pesquisa realizada por Lobato (2007) foi identificar o perfil da professora e analisar os dizeres acerca da escolarização de alunos surdos que estudam nessa escola inclusiva. Em Breves, a Libras se faz presente na sala de aula regular em algumas escolas por meio de projetos educacionais, porém essa língua é desenvolvida de forma mais efetiva no contexto do Atendimento Educacional Especializado nas salas de recursos multifuncionais.

Uma pesquisa feita por Silva e Silva (2016) demonstra os posicionamentos de alguns profissionais entrevistados sobre o ensino inclusivo e revela que ainda há bastante preconceito relacionado à Libras, normalmente, apoiado em concepções pouco

fundamentadas. Tais profissionais negam constantemente a validade de um ensino que priorize a Libras e questionam o modo como os profissionais da sala de recursos se apropriam exclusivamente de tal língua. Esses profissionais permanecem apresentando severas dificuldades para conduzir o processo educativo dos surdos, seguindo o modelo que acreditam ser o ideal, pois priorizam a oralidade.

Por outro lado, os depoimentos anunciam a necessidade de discussões mais aprofundadas no que tange à família e o impacto de suas concepções, especificamente, no tocante à Libras e à educação do surdo. Como visto na análise, os profissionais conhecem as demandas para a inclusão educacional dos surdos, no entanto, desenvolvem práticas pouco fundamentadas nas necessidades apresentadas pelo público, por isso enfrentam severas dificuldades para ensinar.

Na pesquisa feita por Eyng (2017) sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular do ponto de vista de alunos surdos, familiares, professores e intérpretes, é apresentado a prática de inclusão de surdos matriculados no ensino regular do município de Medianeira/PR. A pesquisa demonstrou que professores e intérpretes tem a percepção de que são necessários ajustes no processo educacional inclusivo, porém, para os familiares e alunos surdos, a inclusão está acontecendo. Receber e matricular surdos no ensino regular não contempla a necessidade de apropriação do conhecimento desses alunos. Para que isso ocorra, são necessárias várias modificações no sistema educacional brasileiro, como metodologias apropriadas para a realidade visual do aluno surdo, adaptações curriculares e a adoção de Políticas Públicas que atendam as diretrizes da proposta inclusiva.

Dessa forma, a pesquisa demonstrou a importância da participação de todos os envolvidos (professores, intérpretes, familiares e alunos surdos) na reorganização da escola na perspectiva da educação inclusiva, cabendo a cada um, uma parcela de responsabilidade nesse processo educacional.

Acima de tudo que a escola nos ensine, em defesa da escola de surdos, esse é o título do artigo publicado por Lopes (2017) e Neto (2017), sobre a luta e condição da existência da comunidade surda. Em maio de 2011, os surdos de todo Brasil saíram às ruas em defesa da escola de surdos. Foi um movimento sem precedentes em nosso país. Mobilizados, os intelectuais surdos redigiram uma carta ao Ministro da Educação. Em sintonia com seu tempo, eles afirmavam o direito à educação que atendesse às suas especificidades linguísticas e culturais. A mobilização em defesa da escola ocupou as ruas quando era iminente a ameaça do fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Na carta, os surdos concordavam que crianças e jovens com deficiência deveriam estar na escola, mas discordavam que a escola inclusiva fosse o único e melhor espaço para que os alunos aprendessem.

Diante dos discursos pró-inclusão, eles afirmavam quererem conviver com os demais cidadãos brasileiros, porém, acima de tudo, queriam que a escola ensinasse. Ter a escola como primeiro espaço de construção de uma cultura surda implica em movimentos constantes de lutas pela sua manutenção como espaço de surdos e em retomar, constantemente, as razões pelas quais se envia qualquer criança à escola. Diante de tal imbricamento entre vida surda, cultura, escola e pedagogia, torna-se fundamental a retomada constante da escola como espaço público.

No artigo de Rizzo e Benites (2019) é abordado sobre a inclusão escolar de alunos surdos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que teve como objetivo discutir a in/exclusão das práticas pedagógicas direcionadas aos alunos surdos, indagando como acontece essa in/exclusão no contexto escolar. Essa pesquisa mostra-se relevante para podermos refletir às condições nas quais os alunos com surdez vêm sendo submetidos nas escolas regulares atualmente.

A escola está preparada para receber o aluno surdo? Essa foi a pergunta que mobilizou o presente estudo e me impulsionou a pensar nas condições da educação nas quais o aluno surdo está inserido atualmente nas escolas regulares, considerando os direitos das pessoas surdas quanto ao acesso à educação e ensino de qualidade no cenário da educação inclusiva.

Muitos estudiosos falam sobre a inclusão, que todas as pessoas têm direitos iguais, mas o que acontece na prática é diferente, em muitos casos esse argumento fica somente na teoria e não na prática. Essa realidade não é diferente para as pessoas surdas, muitas pessoas não sabem dos direitos ou não os conhecem.

Após uma breve análise dos artigos selecionados para auxiliar na produção de meu artigo, concluiu-se que, para que aconteça de fato a inclusão de alunos surdos em escolas regulares, é necessário muito empenho e mudanças. Uma escola inclusive não se resume a inserir o aluno na classe e ensinar de maneira superficial, apenas para dizer que a inclusão está presente, mas incluí-lo nas atividades pedagógicas, ter o acesso à Libras como primeira língua e o Português como segunda. Com a análise bibliográfica dos artigos expostos foi possível observar que ainda existe uma barreira para os alunos surdos quando o comparamos com o ensino para os alunos ouvintes. Ainda não há uma preparação eficiente dos professores e colaboradores do espaço escolar, a escola como

um todo não está preparada para receber e proporcionar a esses alunos um ensino de qualidade.

Para que isso aconteça, é necessário o apoio das autoridades, políticas publicadas voltadas para a realidade da comunidade surda e, para além disso, que seja revisado o método de ensino em nosso país, de modo que haja uma formação para os professores para trabalhar com alunos especiais, uma vez que, em algum momento da carreira profissional, irão vivenciar situações em que há alunos com necessidades diferentes em sala de aula. Além disso, essa é uma carência presente na vida dos professores, pois muitos relatam que se sentem perdidos por não conhecerem esse ambiente diferente de ensino, além de especialização na área para quem desejar se especializar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura dos artigos selecionados para o presente estudo, foi possível observar que, inicialmente, há dificuldades no processo de inclusão que envolvem os profissionais da escola e a permanência de alunos surdos em escolas regulares.

Na teoria espera-se que a inclusão dê conta de todas as demandas dos estudantes, mas na prática isso não se efetiva. Apesar de ter leis que garantam os direitos dos estudantes surdos e que assegurem a inclusão na escola, na prática percebemos a falta de apoio das autoridades para dar continuidade no ensino, infelizmente faltam professores especializados em Língua de Sinais e Intérpretes.

Os professores que se interessam pelos estudos da Libras buscam um investimento individual em sua formação. Entretanto, pelo estudo realizado, foi possível perceber que poucos são os professores que fazem o curso de Libras e que possuem um aprofundamento necessário ou fluência na língua para atuação na área.

Em todos os artigos, foi mencionado a falta de profissionais especializados em Libras, mas compreendemos que não há muito incentivo para que os professores possam fazer uma formação ou especialização na área. Além disso, nas escolas que estão fazendo a adaptação, há relatos de falta de materiais especializados para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Devido a isso, muitos professores e até mesmo os pais de alunos surdos desistem da inclusão é um desafio constante e permanente.

Ademais, na leitura dos artigos que realizaram o mapeamento de algumas escolas em que há a inclusão dos alunos surdos, é notável que mesmo com todos os esforços dos professores ainda é necessário mudanças, preparo da escola e especialização em Libras

dos professores. Foram constatados que em todos os municípios, que participaram das pesquisas feitas pelos diversos autores, houve uma organização para o Atendimento Educacional Especializado, oferecendo até mesmo salas de recursos. Contudo, ainda é pequeno o número de escolas especializadas ou que fazem a inclusão de alunos surdos, ainda há muito o que ser feito para que todas as escolas tenham o preparo e o atendimento educacional especializado.

As disciplinas como matemática, ciências, geografia para os alunos surdos são ensinadas utilizando a exploração de recursos visuais, pois melhora muito o processo de aprendizado, especialmente se as imagens, vídeos ou animações forem acompanhados de legendas explicativas, por exemplo, uma equação ou função apresentada com a legenda de suas variáveis é determinante para o entendimento do aluno surdo. Além disso, o ensino da tabuada ou das quatro operações fundamentais fica mais fácil quando o professor consegue criar histórias capazes de abarcar esses conceitos. Mas não é preciso estratégias difíceis, apenas usar métodos que facilitem o contato entre o aluno e o professor.

Minha pesquisa teve como foco inicial analisar o que os alunos e os professores sentem/pensam a respeito da inclusão de alunos surdos em escolas regulares e, após a leitura dos artigos selecionados no Periódico Capes, destaco que os alunos, os professores e todos os envolvidos na educação do aluno surdo consideram muito importante a sua inclusão em uma escola regular, visto que para o aluno é uma forma de se sentir incluído na sociedade e poder aprender/conviver como os demais alunos, porém, ainda é necessário que a inclusão aconteça verdadeiramente, pois os alunos se sentem perdidos na sala e, na maioria das vezes, não acontece a alfabetização como deveria acontecer.

Para os professores e os envolvidos não é diferente, todos apoiam a inclusão, mas esperam que tenham apoio e preparo para que possam alfabetizar os alunos surdos de modo parecido ou igual aos alunos ouvintes.

Ao finalizar a leitura e análise dos artigos, foi possível verificar que os professores ficam aliviados em ter o intérprete auxiliando, apesar de, no início, muitos se sentirem desconfortáveis, mas ao longo das aulas percebem como é importante o auxílio dos intérpretes, dado que não são todos os professores que possuem especialização em Línguas de Sinais, alguns aprenderam no dia a dia com os próprios alunos e se sentem perdidos sem o apoio do intérprete. Além do intérprete, é necessário materiais didáticos específicos para auxiliar o ensino e aprendizagem dos alunos, como os recursos imagéticos, vídeos e figuras para auxiliar na comunicação com os alunos.

Mesmo com os desafios encontrados na rotina de trabalho, é preciso manter a luta por recursos melhores na sala de aula, pois o resultado é positivo para os alunos e professores. Os alunos surdos se sentem incluídos na sociedade, capazes e motivados a aprender como os demais alunos, mesmo que não seja o mesmo método de ensino, o fato deles estarem na sala de aula com os demais alunos é um avanço positivo.

“Link para vídeo de apresentação disponível em < “
https://youtu.be/kOtaLld2_yk”.>”.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Marcelo de Abreu; RODRIGUES, Micaías Andrade; ALVES, Edneia de Oliveira. O atendimento educacional especializado aos alunos surdos nas escolas municipais de Teresina na perspectiva dos docentes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Universidade Estácio de Sá, vol. 13, nº 30 (2016). 1 de nov. 2016. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/823> HYPERLINK "http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/823"

BATISTA, Flóida Moura Rocha Carlesso; NICODEM, Maria Fátima Menegazzo. Inclusão de alunos surdos no ensino de Artes. **J Res Spec Educ Needs**, nº 16, p. 603-607. 4 de ago. de 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12192> HYPERLINK "https://doi.org/10.1111/1471-3802.12192"

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11687013/artigo-58-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996#:~:text=Artigo%2058%20da%20Lei%20n%C2%BA%209.394%20de%2020,Esta%20beleza%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional>.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://mec.gov.br/>

BRASIL. **Decreto nº 5626 – Planalto**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Atendimento educacional especializado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm

BRASIL. **Lei Federal Nº 10.436/02**. Disponível em: <https://libras.com.br/lei-10436-de-2002#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2010.436%2C%20DE%2024%20DE%20ABRIL%20DE,Nacional%20decreta%20e%20eu%20sanciono%20a%20seguite%20Lei%3A>

BRASIL. **Atendimento Educacional Especializado (AEE)**. Disponível em: <http://www.andi.org.br/legislacao/decreto-presidencial-no-6571atendimento-HYPERLINK> "http://www.andi.org.br/legislacao/decreto-presidencial-no-6571atendimento-educacional-especializado#:~:text=O%20Decreto%20Presidencial%20n%C2%BA%206.571%2C%20de%202017%20de,superdota%C3%A7%C3%A3o%2C%20matriculados%20na%20rede%20p%C3%ABblica%20de%20ensino%20regular"educacional-especializado#:~:text=O%20Decreto%20Presidencial%20n%C2%BA%206.571%2C%20de%202017%20de,superdota%C3%A7%C3%A3o%2C%20matriculados%20na%20rede%20p%C3%ABblica%20de%20ensino%20regular

COSTA, Walber Chistiano Lima da; SILVEIRA, Marisa Rôsaní Abreu da. Leitura, tradução e interpretação de textos matemáticos para alunos surdos. **Revista Prática Docente**. Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Confresa, v. 1, n.1, p. 4-16, jul/dez. de 2016. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/11/6> HYPERLINK "http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/11/6"

DIAS, Aline Fernanda Alves. O papel da afetividade nas aulas de língua portuguesa como L2 para alunos surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.42, jul./dez. de 2014. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/109/0>

DORZIAT, Ana; NASCIMENTO, Edleide Silva do. Atendimento educacional especializado para alunos surdos em uma proposta de inclusão. **Revista COCAR**, Belém, v.10, n.19, p.31 a 49 – jan./jul. de 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/783/559>

ESPINDOLA, Santos Daniel; CARNEIRO, Danubia; KUNH, Talicia do Carmo Galan; ANTIQUEIRA, Lia Maris Orth Ritter. **Atividade Lúdica para o ensino de ciências como prática inclusiva para surdos**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 1 de jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/download/24791/pdf>

EYNG, Daline Backes. **A inclusão do sujeito surdo no ensino regular do ponto de vista de alunos surdos, familiares, professores e intérpretes**. 1 de dez. de 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext HYPERLINK "

FERNANDES, Jean Volnei; LARANJA, Ruth Elias de Paula. **Atuação da sala de recursos no processo de ensino aprendizagem da geografia para alunos surdos**. 1 de jun.2017, volume 16, nº 1. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/36543/pdf>

FILIOS, Leone Malinoski; BOBEK, Fabiane Kruk. Inclusão e educação matemática sob o olhar de professores e alunos surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.40, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/147/134>

FONSECA, Ricardo Lopes; TORRES, Eloiza Cristiane. O processo de inclusão de alunos surdos nas escolas sob o ponto de vista do professor de geografia. **Revista Espaço e**

Tempo, São Paulo, n. 35, 2013, p. 46-541 de dez.2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/download/75437/78970>

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos, o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência?**

Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. 1 de dez. de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo.** 1 de Ago. de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?HYPERLINK>

["http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext"](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext)HYPERLINK
["http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext"](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext)script=sci_arttext

LIMA, Juliana Acácio Cordeiro de; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. O ensino de Libras no ensino fundamental. **Revista Educação Pública**. 02 de maio de 2017. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/9/o-ensino-da-libras-no-ensino-fundamental>

LOBATO, Huber Kline Guedes. **Diretrizes de uma professora sobre a escolarização de surdos no contexto da inclusão escolar em Breves- Pará.** Rio de Janeiro, UERJ, 1 de jun. de 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/28993/20726>

LOPES, Maura Corcini; NETO, Alfredo Veiga. **Acima de tudo, que a escola nos ensine: em defesa da escola de surdos.** São Paulo, Unicamp, 1 de out. de 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648637>

MILANEZ, Simone Ghedini Costa; POKER, Rosimar Bortolini. **Mapeamento da situação educacional dos alunos surdos de municípios brasileiros atendidos pelo curso de Língua Brasileira de Sinais na modalidade a distância.** 1 de fev. de 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download/3487/3258/0>

MEC. **Educação Inclusiva.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32101-educacaoespecial>

MEIRELES, Rosana Maria do Prado Luz. Educação Bilíngue de alunos surdos: experiência inclusiva na Escola Municipal Paulo Freire/ Niterói/ RJ. **Revista Espaço**, capa n° 35, 23 de jun. de 2011. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/249>

MOLENA, Juliane Cristina; ANDRADE, Priscila Gaia de. **Indicadores da inclusão de alunos surdos:** um estudo em salas de aula regulares em um Município do interior do Estado de São Paulo. 1 de Abr. de 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301959327_Indicadores_da_inclusao_de_alunos_surdos_um_estudo_em_salas_de_aula_regulares_em_um_Municipio_do_interior_d_o_Estado_de_Sao_Paulo

OLIVEIRA, Helena Beatriz Costa de; CARDOSO, Baiarde; OLIVEIRA, Everton Fêrrê de. Inclusão de Surdos na Escola Municipal Marechal Castelo Branco de Jaguarão-RS. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 02, Ed. Especial, dezembro, 2016, p. 266-274, 12 de out. de 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/205138518.pdf>

OLIVEIRA, Paula de Carvalho Fragoso; WALTER, Catia Crivelente de Figueiredo. O ensino de língua portuguesa para criança surda na educação bilíngue. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n° 50, jul-dez de 2018. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/download/454/pdf>

OLIVEIRA, Walquíria Dutra de; BENIT, E Anna Maria Canavarro. **Aulas de ciências para surdos**: estudo sobre a produção do discurso de e intérpretes de LIBRAS e professores de ciências. 1 de jun. de 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n2/1516-7313-ciedu-21-02-0457.pdf>

PALHA, Sebastião; MINEIRO, Ana. Ensino de português a surdos em São Tomé e Príncipe: de um paradigma de exclusão até a inclusão. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019 – Publicação Contínua. 22 de out. de 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38355/html>

PRADO, Rosana; COSTA, Valdelúcia Alves da. **Política de inclusão e práticas pedagógicas na educação de alunos surdos**: desafios do atendimento educacional especializado. 1 de jul. de 2017. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/3191/1663>

QUADROS, R.M. **A educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RESENDE, Alice Almeida Chaves de; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Mapeamento de alunos surdos matriculados na rede de ensino pública de um município de médio porte do Estado de São Paulo**: dissonâncias. 1 de set. de 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext HYPERLINK "

RIZZO, Jakellinny Gonçalves de Souza. Olhares de Norbert Elias: inclusão escolar do aluno surdo. **Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, MS, 2017 – n° 7, Vol. 5/ 1 de dez. de 2017. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/6817/4060>

RIZZO, Jakellinny Gonçalves de Souza; BENITES, Karla. **Inclusão escolar do aluno surdo**. 1 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/337965546> Inclusao escolar do aluno surdo

ROCHA, Luis Renato Martins; MORETTI, Alexandra Renata; COSTA, Priscila Carozza Frasson; COSTA, Fabiano Gonçalves. **Educação de surdos**: relato de uma experiência inclusiva para o ensino de ciências e biologia. 1 de jun. de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/download/14854/pdf>

SALES, Elielson Ribeiro de. **A visualização no ensino de matemática**: uma experiência com alunos surdos. 2013, 235 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista. São Paulo – Rio Claro, 2013.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Libras na educação de surdos**: o que dizem os profissionais da escola? 1 de abr. 2016 . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00033.pdf>

TADA, Iracema Neno Cecilio; LIMA, Vanessa Aparecida Alves de; MELO, Tânia Gonçalves; CORREIO, Dagmara Yuki Vieira Tomatini. **Conhecendo o processo de inclusão escolar em Porto Velho – RO**. 1 de Mar. de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext HYPERLINK "

TEIXEIRA, Gomes Vanessa; BARBOSA, Priscila Costa Lemos. **O ensino da língua portuguesa para alunos surdos**: trabalhando com provérbios. 2 de Out. de 2014. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/download/107/95>